

HISTÓRIAS E LENDAS AMAZÔNICAS

20 – PETROLEO URUCUM EM COARI



O terminal aquaviário de Coari é fundamental para o escoamento de petróleo e gás produzido na região de Urucu.

Ele recebe esses produtos pelo oleoduto Rio Solimões, armazena e entrega a navios para o abastecimento de petróleo da Refinaria de Manaus e suprimento do mercado de GLP nos estados do Pará, Rondônia, Maranhão e parte do Ceará e de Pernambuco. Terminal operado pela subsidiária Transpetro.

Já se passaram 30 anos desde que o petróleo jorrou pela primeira vez do poço pioneiro Rio Urucu número 1 (RUC-1), que deu origem à Província Petrolífera de Urucu, no Amazonas, maior reserva provada terrestre de óleo equivalente (petróleo e gás natural) do país.

Descoberta em 1986 no coração da Amazônia, em Coari, a cerca de 650 quilômetros de Manaus, Urucu chama a atenção pelo desafio de produzir petróleo com respeito ao meio ambiente e redução dos impactos da atividade sobre a região.

O óleo de Urucu, um dos mais leves produzidos no país (quanto mais leve, melhor a qualidade), facilita o seu processamento nas refinarias e permite o aproveitamento na produção de gasolina, nafta petroquímica, óleo diesel e Gás Liquefeito de Petróleo (GLP).

Em outubro deste ano, o complexo registrou a produção de 35.387 barris de petróleo por dia e 13,9 milhões de metros cúbicos de gás natural, além de 1,2 tonelada de GLP, o equivalente a 112 mil botijões de gás de cozinha.

Se comparada aos 100 mil barris/dia de uma única unidade do pré-sal, a produção de Urucu é pequena, mas fundamental para o abastecimento da Região Norte e parte do Nordeste, além de ter papel importante na atividade econômica do Amazonas, com participação de cerca de 15% do Produto Interno Bruto (PIB) do estado.

O engenheiro de produção Ivaldo Santos da Silva, 34 anos de Petrobras, 30 dos quais dedicados à Urucu, lembra das dificuldades de instalação do complexo em meio à mata fechada, numa obra grandiosa. “Isto aqui era mata cerrada e lamaçal. Não era incomum encontrarmos onças, cobras e todo tipo de animal. Era aventura pura, estilo Indiana Jones mesmo. Todo

transporte de material e de pessoas era feito pelo Rio Urucu. Os equipamentos, máquinas, tratores e sondas eram desmontadas e carregados pelo meio da mata fechada e enlameada nas costas mesmo. Desmontava-se tudo, colocava-se tábuas para reduzir os atoleiros e, em meio as clareiras que eram abertas, se montava tudo de novo”, conta, emocionado.

O gerente da Província de Urucu, João Roberto Rodrigues, há 29 anos no projeto, recorda outro desafio da criação da base de exploração na Amazônia: a concorrência com a Bacia de Santos, que era prioridade da Petrobras na época por causa dos 100% de chances de acerto na perfuração dos poços e do retorno rápido e garantido do investimento, ao contrário de Urucu, onde a exploração ainda era incerta. Foi necessário que o geólogo responsável pelo projeto amazônico fosse à sede da estatal, no Rio de Janeiro, para convencer a diretoria a manter as tentativas.

“E a descoberta de Urucu significou que ele estava certo e selou o destino da atividade da empresa na região. Era a última bala, a última chance e ele provou que estava certo com a descoberta de do poço pioneiro RUC-1. E aí houve a decisão pelos investimentos na região, o retorno do pessoal que já havia deixado o local, além do deslocamento de mais funcionários para a região”, relembra Rodrigues.

Se em 1986 apenas 62 pessoas presenciaram o momento em que o petróleo jorrou pela primeira vez na Amazônia, hoje Urucu tem cerca de 1,2 mil trabalhadores.

“Estarmos aqui, com todo esta estrutura, é resultado de muito sonho nosso. A companhia sempre foi muito importante para o país. E o legado que a gente deixa é este aqui, é o fato de que Urucu é importante para o desenvolvimento da região e para a geração de empregos para muita gente que não teria uma oportunidade como esta não fosse o sonho de alguns exploradores há 30 anos”, acrescenta o gerente.

Cuidados ambientais - segundo a Petrobras, o custo de extração de petróleo e gás natural de Urucu está entre os menores no país, apesar dos desafios de logística e operação em plena selva. A localização exigiu da estatal cuidados adicionais na implantação do projeto, que incluíram o reflorestamento das áreas abertas e o maior reaproveitamento possível do que é retirado da natureza.

Os troncos das árvores derrubadas nas áreas em que estão os poços, por exemplo, são transformados em bancos e os restos de comida, em adubo.

A energia para o funcionamento do complexo é produzida em uma termelétrica movida a gás natural, com capacidade de geração de 20 Megawatts.

O trabalho de recomposição da cobertura vegetal e de catalogação das espécies retiradas das áreas de extração de óleo, entre outras medidas ambientais, tornaram Urucu referência internacional no setor. Desde o início do projeto, as áreas afetadas são recompostas de modo que apenas algumas clareiras denunciam a presença dos equipamentos na floresta.

Um viveiro natural abriga dezenas de milhares de mudas de 80 espécies nativas da Amazônia para viabilizar o programa de replantio intensivo implementado à medida que as clareiras são abertas para a perfuração dos poços. Entre as espécies catalogadas e reintroduzidas na natureza estão bromélias e orquídeas.

“Toda vez que vamos trabalhar em alguma área nova aqui na região, a gente faz a identificação nominal da árvore, o estudo e o inventário dela e entramos com o licenciamento. A partir deste inventário é feita a coleta de sementes, para desenvolvermos as mudas no viveiro, de modo que na fase pós exploratória, quando iniciamos a recuperação da área, a gente possa devolver as características originais o mais próximo possível do que era antes de desmatarmos para construir o poço”, explica engenheiro florestal Jander Muniz Rabelo.

Rodrigues, gerente da Província de Urucu, diz que os cuidados são essenciais para a continuidade da exploração petrolífera em uma área sensível como o ecossistema amazônico. **“Nossa missão é produzir petróleo e gás e vamos fazer isto dentro de uma lógica de responsabilidade e respeito ao meio ambiente, caso contrário não sobreviveremos. Aprendemos que aqui temos que ficar no nosso canto, quietos, respeitando os proprietários do local, que são as árvores e os animais. A velocidade é controlada, o carro tem que parar, não atropelar os animais”**, conta.

Os resíduos orgânicos produzidos no complexo viram adubo para reflorestamento e jardinagem, os recicláveis são separados e destinados a empresas licenciadas e o esgoto doméstico é tratado segundo parâmetros exigidos pela legislação. De acordo com a Petrobras, **“a sucata ferrosa e os resíduos perigosos são tratados, neutralizados e destinados de acordo com as exigências legais”**.

Estar dentro da mata fechada também impõe outro desafio à Província Petrolífera de Urucu: a logística. Para levar a produção da reserva aos centros urbanos, o principal caminho é o Gasoduto Urucu-Coari-Manaus, construído em 2009. Com 663 km quilômetros de extensão, o duto tem capacidade para escoar até 5,5 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural de Urucu à capital do Amazonas.

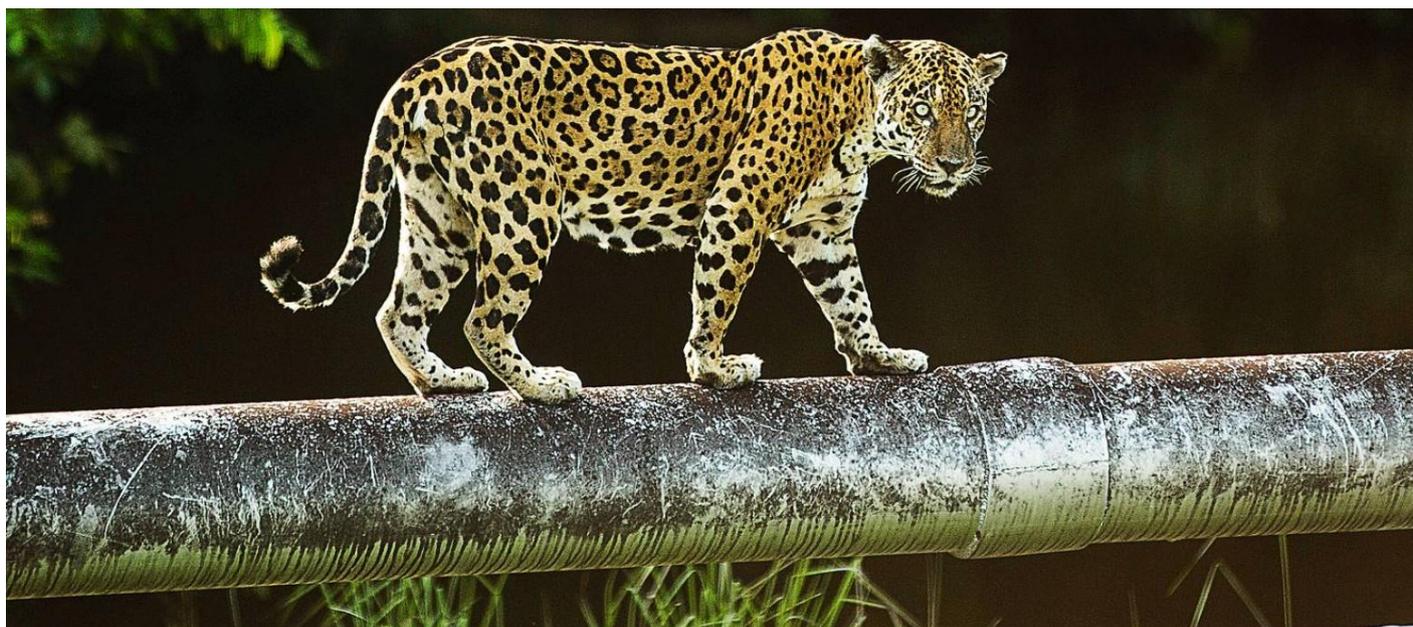
Antes do gasoduto, o produto era levado a Coari em balsas pelo Rio Urucu e depois pelo Rio Solimões até Manaus, em viagens que levavam mais de uma semana.

“O empresário Elzio Alecrim, disse que o Petróleo de Coari, é uma lenda e vai ficar como lenda. Contou a seguinte história que deveria ser incluída neste artigo. Quando começou a jorrar petróleo no Urucum, não saía por Coari como sai hoje, e sim saía pelo Rio Tefé e passava por frente da cidade de Tefé nas barcaças de sua propriedade. Fez parte do início da exploração. Iam pegar o petróleo em barcaças pequenas com empurradores pequenos para entrar no Rio Tefé, muito sinuoso, muito cheio de curva, muito complicado de navegar e tudo, e nós iam lá onde era próximo ao poço de extração para encher de petróleo e trazer para Manaus. Nas barcaças pequenas. Isto foi feito praticamente entre 5 a 8 anos. Foi mais ao menos de 1987 a 1992/94. O petróleo continha muito sal. Muito leve. Petróleo muito bom, de primeira qualidade, e, corruéu demais as barcaças e nisso eram os transportadores da PETROBRAS, e a PETROBRAS pediu para que fossem lá tirar o petróleo. Com a intenção de viabilizar o poço e que o mesmo tivesse viabilidade. Ficaram estes anos todos fazendo este transporte, até construir o primeiro duto que chegou mais abaixo do Rio Tefé, um pouquinho, onde começaram a pegar o petróleo com barcaças maiores. Depois construíram o duto para Coari, onde está este terminal hoje. Quem pega o petróleo neste novo terminal, são os navios petroleiros. Este depoimento deve ser incluído neste artigo, para dá valores aos armadores e navegadores da terra e dos rios, onde fizeram suas partes nesta história. Fizeram muitos sacrifícios para que este projeto fosse viabilizado. E, aí está hoje, é uma realidade. Realidade que naquela época, ninguém acreditava em URUCUM, todos diziam que era inviável, o petróleo não ia dá certo e, quando o petróleo começou a chegar em Manaus, a refinaria foi refinar, viram que era um petróleo de excelente qualidade. Portanto, muito pouca coisa era refinado em Manaus, que era uma refinaria que não era petroquímica, e, este era um petróleo que dá tudo que você pode extrair, ele vai para o estado da Bahia, e, muito pouco ficava em Manaus.” Estas palavras são testemunho do empresário Elzio Alecrim, que vivenciou o início da exploração do petróleo de Urucum.

Hoje, os terminais aquaviários da Transpetro são operados por meio de píeres, de monoboias ou de quadro de boias.

A Transpetro é responsável pela operação e manutenção de mais de 7.155 km de gasodutos. Esta malha integra as regiões Nordeste e Sudeste, permitindo grande flexibilidade operacional. Ainda contempla o transporte de gás natural de Urucu até Manaus, na Região Norte. Por essa rede de gasodutos são escoados 75% de todo o gás natural consumido no Brasil.

Uma onça-pintada preguiçenta — animal que costuma se dissimular na mata — exhibe-se sobre dutos da Petrobras, indiferente aos olhares a sua volta, perto de uma planta industrial no coração da Amazônia. A visita faz parte da rotina na Província Petrolífera de Urucu, que em 2018 completou 30 anos.



São torres metálicas, tanques e esferas gigantes no meio da selva para produzir, por dia, 38 mil barris de petróleo, 13 milhões de metros cúbicos de gás natural e o equivalente a 115 mil botijões de 13 quilos de gás de cozinha (GLP). Uma superestrutura que, apesar de ser a maior produtora terrestre de óleo no país, desaparece na imensidão verde que a cerca, impondo à operação, essencial à Região Norte e a parte do Nordeste, desafios descomunais. A começar pela odisséia logística para manter as engrenagens desse confim do Brasil, nas entranhas do estado do Amazonas.

Em linha reta, as cidades mais próximas são Carauari e Tefé, a 170 e 180 quilômetros de distância, respectivamente. Do centro do município de Coari, onde o território está localizado, são outros 285 quilômetros. E da capital, Manaus, 650 quilômetros. Por recomendação de cientistas na época da construção do polo, não há estradas que liguem Urucu a lugar algum, com o intuito de não estimular o adensamento populacional da região. As únicas que existem estão

dentro do complexo da Petrobras e dão acesso a alojamentos, portos e parte dos 65 poços de produção.

Para chegar a esse rincão, todo trabalhador — são cerca de 1.070 simultaneamente, em regime de escalas — aterrissa num avião turboélice, com capacidade para 47 passageiros, em voos diários de aproximadamente uma hora e meia de Manaus, ou três vezes por semana de Carauari. O restante, da alface das refeições a caminhões, válvulas e sondas, vai de barco. A viagem leva de sete a dez dias pelo Rio Solimões e, a partir de Coari, pelo sinuoso Rio Urucu, que se torna estreito e raso no período de vazante na Amazônia. Um complicador, sobretudo de agosto a outubro, que exige mão de obra local qualificada para não deixar encalhar as balsas, com calado de apenas 60 centímetros, nessa época do ano.

Espero que gostem.

Paulo Almeida Filho – Aposentado

Fonte: Google, Agencia Brasil, AgenciaPetrobras,





COARI

